General DIAS DE OLIVEIRA

Os refléxos da vida luminosa do Gen. DIAS DE OLIVEIRA

Gen. BORGES FORTES

No coração da terra riograndense, sobre a lombada de um cochilhão, característico do relevo da região sulina, cochilhão que vai morrer na margem esquerda do rio Vacacaí para ressurgir mais alto e acentuado na margem oposta, assenta a cidade de São Gabriel.

E' o meu berço natal.

Não virei agora evocar as doces e longinquas horas de minha meninice, as saudades que acompanham todas as criaturas de sentimento, dessa fase descuidosa da existência de cada um, porem quero evocar, seguramente, a tradição histórica e militar de meu torrão.

Tenho que falar-vos, componentes que sois do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, sobre Dias de Oliveira e o seu nome desperta em mim a recordação da terra em que nasci.

E ao homenagear aquele ilustre soldado devo antes

caminho para formidavel jornada de 20 de Fevereiro de 1827, no Passo do Rosário.

Ressurge na história militar o nome da cidade de São Gabriel no período glorioso da Revolução Farroupilha, já quando no seu início o notavel João Antonio da Silveira, varão modelar e chefe republicano, se apodera da praça e afugenta o famoso Coronel Bento Manoel Ribeiro, comandante das forças imperiais, já no declínio da campanha, longa de quasi dez anos, quando alí se estabelece o General Luiz Alves de Lima e Silva, fazendo de São Gabriel o centro principal de suas operações.

E, o forte Caxias, revive até hoje nas tradições da cidade, soldando o nome desta ao do extraordinário General, o nobre e magnânimo pacificador do Rio Grande do Sul em 1845.

Ontem... Para que lembrar os sucessos de nossos dias ? As revoluções recentes, em que tomamos parte ou testemunhamos, devem ser estudadas mais tarde, quando as paixões e os preconceitos estejam dissipados.

Os capítulos referentes a tal periodo virão a ser escritos um dia e ainda será lido o nome da terra gabrielense em páginas de bravura e de honra.

Na fé de ofício dos serviços de meu torrão há ainda alguma cousa a ser lembrada neste oportuno momento. E' a permanência por longos anos na modesta povoação de campanha, daquele antigo, tradicional e glorioso regimento que foi o Primeiro de Artilharia a Cavalo.

A marcha progressiva de nossa organização militar fez desaparecer, dos quadros contitutivos do Exército, o Primeiro Regimento de Artilharia a Cavalo, que por transformações sucessivas é hoje, pela inspiração patriótica e alevantada de José Fernandes Leite de Castro, o Regimento Mallet.

Foi de São Gabriel que o velho Emilio Luiz Mallet levou para as campanhas do Uruguai e do Paraguai as suas baterias e foi com a gente daquela terra que ele cobriu de glórias o seu Regimento, quando a 24 de Maio de 1866 ganhava o melhor quinhão da vitória com o seu FOGO DE HORROR e a metralha varria as hostes inimigas com a sua ARTILHARIA REVOLVER.

* * *

Foi nesse legendário Regimento que conheci o então primeiro tenente Antonio José Dias de Oliveira.

Estavamos no ano de 1887. Era eu um insignificante aprendiz de tipografia na oficina de um jornal republicano — "O Zig-Zag".

Seus principais colaboradores eram oficiais da guarnição, quasi todos propagandistas convictos do regimen que veio triunfar a 15 de Novembro de 1889.

Dias de Oliveira pertenceu a esse pugilo de colaboradores e a proclamação da República encontrou-o em São Gabriel. Viera ele do Amazonas onde contraira o beri-beri e fora obrigado a mudar-se para o benigno clima do Rio Grande do Sul, procurando a cura de sua saude.

Moço, em plenos vinte e oito anos de existência, inteligente, culto, educado, com dotes físicos perfeitos, com um temperamento muito sereno e afavel, o tenente Dias viu-se imediatamente cercado da estima, da simpatia e da consideração de seus companheiros de armas e de toda a sociedade civil.

Alguns meses mais tarde consorciou-se com uma distinta senhora D. Herminia Pacheco, filha de um ilustre e austero varão, o coronel Graciano da Costa Pacheco, o qual ganhara sua patente nos campos de batalha do Paraguai e representava honrosamente uma antiga e tradicional família gabrielense.

Foi D. Herminia a dedicada e exemplar companheira, amiga e inspiradora de Dias de Oliveira durante o resto de sua comum existência, e tão extremosa por ele que sucumbiu pouco tempo, após o doloroso dia em que viu fecharem-se para sempre os olhos cariciosos de seu esposo.

* * *

Nesse ambiente de simpatia conheci Dias de Oliveira. Passam-se os meses e em 1888 penetro na Escola Militar de Porto Alegre encetando a minha vida militar.

Decorrem 1889 e 1890...

Fizera-se a República e Benjamin Constant, o inolvidavel Mestre da Praia Vermelha, o evangelizador republicano do Exército, reforma completamente o ensino militar abrindo para os futuros oficiais um curso profundamente cientifico e lógico, preparando-os para a missão altamente patriótica e civilizadora de serem os condutores do Brasil nos seus objetivos de país republicano, dentro do livre continente da América e ao mesmo tempo aptos para o desempenho de seus deveres na defesa das instituições e da soberania brasileiras.

A tarefa dos professores assumia a máxima importância na reconstituição da mentalidade do Exército. Para os cargos do magistério Benjamin fez uma notavel seleção de valores e o Capitão Antonio José Dias de Oliveira foi um dos nomeados para a Escola Militar de Porto Alegre.

Esse instituto recebeu tambem um consideravel impulso. O seu curso passou a abranger, pela reforma de 1890, o aprendizado completo da hierarquia científica desde a matemática até a Sociologia e Moral,

seguindo-se-lhe o curso propriamente profissional do serviço das armas combatentes.

Interrompamos por um instante a minha narração...

E' um momento de recordações o que perpassa o meu espírito. Ao falar da Escola de Porto Alegre, a saudade, essa inseparavel companheira dos velhos, faz desfilar em minha lembrança as figuras de meus mestres e vejo subjetivamente passarem Ceslestino de Castro e Candido Jaques, Vespasiano de Albuquerque e Alberto Carlos, Alcibiades Rangel e os Barreto Viana, Pedro de Araujo e Carlos Nabuco, Henrique Martins e Inácio de Alencastro...

Permiti, senhores, que me deixe dominar pelo coração para espargir sobre essas memórias gratas as flores vivazes de meu reconhecimento...

Prossigamos...

* * *

Dias de Oliveira ocupou a cadeira de Arte e História Militar no curso das três armas. Professou-a por anos consecutivos até 1898 quando foi criada a Escola Militar do Brasil e novamente reformado o ensino no Exército.

Por uma circunstância ocasional recebi durante dois anos letivos as suas lições na Escola de Porto Alegre. Essa prolongada frequência me fez bem conhecer o professor. Em ambos os anos obtive a mais alta classificação escolar: ganhei mais, — um acentuado pendor para o estudo profisional das armas, a atração para a história militar.

E, sobretudo isso, uma imperecivel admiração pelo mestre, uma radicada estima pelo amigo, admiração e estima que se corporificam agora, após seu desaparecimento, pela escolha de seu nome para patrono de minha cadeira neste augusto Instituto.

* * *

Admirei em Dias de Oliveira as suas virtudes pessoais, a inteligência, a modestia, a benevolência com que agia e doutrinava, no profesosr a cultura, a clareza de exposição, a tolerância com a mentalidade e as convicções de seus alunos, o afinco com que estudava, aperfeiçoando sempre as suas lições; no soldado a larga compreensão de disciplina, sua bondade para os subordinados e o respeitoso acatamento para os superiores; no amigo a sinceridade, a firmeza e a invariabilidade com que cultivava as suas afeições.

Não toleraria ele, se vivo fosse, a presente homenagem que tão cordialmente quero prestar-lhe; iria melindrar a sua modestia sem par. Infelizmente a Morte já o carregou para o recesso de seus mistérios e o seu obscuro discipulo, porem fiel amigo, timbra em prestá-la.

Dias de Oliveira merece-a, qualquer que seja a face por que se analise a sua existência terrena, — soldado, mestre, general, cidadão, amigo, chefe de família, exemplar que em tudo soube ser.

* * *

Antonio José Dias de Oliveira nasceu na cidade do Rio Grande a 13 de Dezembro de 1859. Assentou praça no 12 Batalhão de Infantaria em 25 de Janeiro de 1877 e ingresou na Escola Militar de onde saiu em fins de 1885 com o curso completo de engenharia.

Foram seus colegas de formatura oficiais que alcançaram alta reputação em suas carreiras: Severiano Rego, João de Deus Martins, Eugenio Franco, Adalberto Petrazzi, Americo Almada, outros e entre estes as inteligências privilegiadas de Saturnino Cardoso e de José Eulalio da Silva e Oliveira, docente incomparavel em qualquer catedra onde professasse.

Ao completar essa turma de oficiais, o comandante da Escola da Praia Vermelha, prosseguindo uma praxe continuada propoz ao Ministro da Guerra que fossem os nóveis engenheiros distribuidos em comissões onde pudessem adquirir a prática de sua recente investidura.

Oliveira Junqueira denegou-lhes a concessão e expediu a propósito um Aviso em que se encontram as seguintes interessantes considerações:

> "Havendo eles (refere-se aos oficiais indicados) frequentado aquela Escola, da qual sairam tão dignamente, tendo concluido o curso militar, é obvio que a melhor prática consistirá em ir para o seu batalhão ou regimento prestar os serviços que o Exército e o país estão esperando.
>
> Consequentemente nas fronteiras e outros lugares e no campo em que se acham alguns desses corpos terão os novos laureados ocasiões frequentes de se amestrarem nas práticas da arte militar. Quando houver entre esses oficiais que finalizaram os estudos algum ou alguns com decidida propensão para o estudo de especialidades como a alta astronomia ou outra desta ordem, o governo, sob proposta do digno comandante da Escola Militar enviará para os estabelecimentos próprios esses oficiais para cultivarem tais ciencias, deixando que o maior, o grande número dos que assentaram praça para defender o país e prestar bons serviços, se dedique ao exercício das armas, ao conhecimento prático das evoluções e da vida militar e se prepare par cumprir os seus deveres".

Tinhamos um Imperador que conservava o Brasil mergulhado no analfabetismo e manchado com a nódoa repugnante da escravatura,

muito mais preocupado sempre com o seu amor pela contemplação do movimento dos astros nas noites estreladas que com o bem estar de seus governados e a prosperidade da nação.

A Astronomia era, talvez por isso, olhada pelo Ministro como pináculo da atividade intelectual: a alta astronomia, dizia o Aviso. Haverá acaso baixa astronomia? Restavam dois únicos caminhos: para os seletos, o céu na contemplação do rolar dos planetas, seus satélites e estrelas; para todos e logo: a tarimba.

Desconhecia o titular da guerra que entre os dois extremos havia uma longa série de departamentos onde oficiais aprendem, trabalham, cumprem deveres e preparam o futuro de sua classe e de sua Pátria ?

Não se lembraria da importância que tem para essas instituições o sistema de nossas vias de comunicação, a organização das fortalezas e das casernas e sua distribuição pelo território e pelo litoral, o levantamento das cartas geográficas e topográficas, o estudo dos campos prováveis de guerra e os projetos de operações, o reconhecimento minucioso das possibilidades do país em recursos industriais e econômicos...

Para a tarimba, mandou imperativamente. O que era a vida de quartel naquele tempo ? Muitos de nós a conhecemos.

Era o soldado profissional trazido pela violencia do recrutamento forçado para dentro do quartel...

Era a disciplina aviltante da vara de amarelo.

Tínhamos o cadete de brilhantes estrelas nos braços, calças a balão, salto alto, desordeiro, alcoolatra, presumido nos seus privilegios de ombrear com os oficiais e poder sentar-se à mesa de Sua Magestade o Imperador.

Os oficiais lutavam como heróis para sustentarem as famílias e educar os filhos, remunerados miseravelmente como eram.

Remanescentes da velha e colonial avareza, os quarteis eram sórdidos, seria em vão procurar em seu interior o que se chama o bem estar.

Só uma situação era peor do que a do soldado de tropa, era a do escravo.

A instrução da tarimba cingia-se às guardas, às fachinas, às patrulhas e aos raros exercícios de manejo das armas e evoluções geométricas nos logradouros públicos para exibição do "garbo irrepreensivel com que a tropa se apresentava", exercícios que davam pretexto para encher a folha de assentamentos dos oficiais de elogios inócuos e por vezes ridiculos.

* * *

Conformando-se com a estreita visão do Ministro Junqueira, o Tenente Dias de Oliveira ao deixar os bancos de estudante de engenharia

militar partiu para o Amazonas indo arregimentar-se no terceiro batalhão de artilharia de posição com quartel em Manaos.

Adoecendo de beriberi, como já referi, foi depois transferido para o Regimento de São Gabriel e ali recebeu em 7 de Janeiro de 1890 os galões de Capitão.

Nomeado professor removeu-se para Porto Alegre, sede da Escola Militar, onde passou a exercer o magistério.

* * *

As paixões partidárias são muito vivas e obliteram os espíritos maxime nos meios provincianos. A politicagem de campanário não é frase vã e convencional, é uma realidade palpavel.

No Rio Grande a política de campanário tinha raizes profundas: viera de retrógrados e constitucionalistas com o Reinado e o primeiro Império: republicanos e legalistas, farrapos e caramurús na Regência e Maioridade: liberais e conservadores no segundo Império.

Com o advento republicano não se transformaria subitamente a mentalidade do povo riograndense. As lutas partidárias se agravaram; eram de um lado os velhos elementos monarquicos preponderantes na política da província, apeados de golpe da situação: de outro estavam os republicanos ensaiando os primeiros passos na organização do regimem e administração pública.

À frente dos fundadores da instituição republicana no Rio Grande do Sul estava a figura imortal, extraordinária e inconfundivel de Julio de Castilhos. Este chefe inspirava-se em sua ação social nas doutrinas da Política Positiva cuja aplicação adaptava inteligentemente ao meio e a época. Individualidade excepcional por sua energia, intransigência de princípios e inatacavel integridade moral, Julio de Castilhos teve de arrostar, por isso mesmo, com uma reação formidavel.

Não foram somente os naturais inimigos os que teve de enfrentar. Foram-se-lhes ajuntando tambem muitos dos antigos companheiros da propaganda, amigos de ontem... Nuns interesses feridos pela envergadura moral de Castilhos, noutros divergências doutrinárias, em alguns motivos personalissimos...

Dias de Oliveira que tendia preferencialmente para as doutrinas filosóficas de Herbert Spencer, o apostolo da Teoria da Evolução alistou-se entre os adversários da políitica seguida por Julio de Castilhos, sem deixar-se porem dominar pelos ímpetos de sentimentos amargos.

Lentamente foi-se formando a tempestade na atmosféra de ódios, paixões e violências que o Rio Grande se viu envolvido. E um dia explodiu a Revolução.

Os campos e as cidades, as cochilhas e as canhadas de minha terra mancharam-se, aquí e alí, do sangue generoso de seus filhos, batendo-se

por idéias, desgraçadamente, numa luta bárbara, quasi selvagem. O passado retrógrado de um lado, em frente os preparadores do futuro do Rio Grande e do Brasil: de permeio a instituição republicana, a causa da Pátria, ideal superior ao éco dos nomes às vontades dos homens.

Floriano Peixoto foi o mais firme, o mais sereno, o mais bravo defensor da República e do Brasil: sua atitude despertava o entusiasmo dos velhos legionários que se tinham esforçado por fundá-la. Chegou o momento em que se teria de estar com a República ou contra ela; não havia logar para expectadores.

Dias de Oliveira, afastado de Castilhos por motivos honrosos e doutrinários, poderia ficar no seu posto de testemunha passiva dos acontecimentos. O seu temperamento de soldado e de republicano, o seu espírito de riograndense e de patriota, a sua honra varonil não lhe permitiam tal atitude: tinha de colaborar de armas na mão na defesa da República.

E partiu a tomar posição nas fileiras da coluna do intrépido General Antonio Adolfo da Fontoura Mena Barreto, operando na região do planalto serrano. Acompanharam-no dois colegas: Erico de Oliveira, diamantino carater e austero soldado; outro foi Joaquim Marques da Cunha, o professor insigne, talento e cultura admiráveis que transpoz há pouco tempo os humbrais da morte, deixando entre os que tiveram a felicidade de o conhecer, uma lembrança inapagavel.

* * *

Raiando a paz de 23 de Agosto de 1895, Dias de Oliveira voltou à sua cátedra e com a mesma solicitude, a invariavel dedicação prosseguiu na distribuição das luzes de seu saber aos jovens companheiros que cursavam a Escola Militar.

Cada turma que deixava os bancos escolares era um novo grupo de admiradores e amigos que Dias de Oliveira conquistára tão insinuante era a sua personalidade de mestre e de soldado !

Reformado o ensino militar em 1898, Dias de Oliveira veio para o Rio de Janeiro fazer parte do corpo docente da Escola Militar do Brasil, permanecendo como lente da cadeira que com tanto realce prelecionára, — a de Arte Militar.

Deixou esse exercício em 1901 quando se arregimentou no Primeiro Batalhão de Engenharia; promovido a Major regressou ao magistério em 1904.

Em 1909 teve o gozo de dois anos de licença para aperfeiçoar conhecimentos na Europa e de lá voltou em 1911 reocupando o seu posto de catedrático.

O ilustre General Antonio Geraldo de Souza Aguiar quando assumiu em 1914 o alto posto de Chefe do Estado Maior do Exército levou

para a direção de seu gabinete o Coronel Dias de Oliveira e aí começou uma nova fase da atividade brilhante deste oficial.

E' quando assume um lugar bem de acordo com o seu feitio intelectual — o de diretor do Boletim Mensal do Estado Maior, publicação preciosa refletindo as melhores mentalidades da cultura militar.

Atravessa o mundo uma crise culminante. E' o período da Grande Guerra.

Chocam-se as maiores potências da Europa numa luta de gigantes e estão em jogo os princípios imutáveis da estratégia, os processos variaveis da tática, balanceam-se doutrina, analisam-se chefes, comparam-se os materiais.

O Boletim acompanha pari-passu o desdobrar dos fatos e aponta aos estudiosos as suas consequências e lições.

Dias de Oliveira inspira a difusão desses ensinamentos: permanece daí por diante no serviço da instituição primordial do Exército, o Estado Maior.

Quando termina a Grande Guerra cria-se tambem para o nosso Exército uma transformação profunda. Refiro-me à vinda para o Brasil da Missão Militar Francesa que operou nos métodos de aprendizagem das armas em nosso país uma modificação radical.

O objetivo que ditou a decisão de chamar os mestres franceses foi o de colocar rapidamente as nossas forças armadas de terra ao corrente dos processos a doutrina que tinham levado à vitória os exércitos aliados, aos quais o Brasil se vira na contingência de acompanhar e oferecer cooperação.

A Missão Francesa trouxe como chefe esse ilustre General Maurice Gamelin, encarnação legítima do gênio francês, impressionante e dominador nas revelações de sua inteligência, caráter admiravel de soldado, de diplomata e de patriota.

Se a carreira de Gamelin sofre um eclipse em nossos dias com o desastre que presenciamos ontem não se pode atribuir ao digno general a responsabilidade do descalabro. As circunstâncias são mais fortes do que as possibilidades dos homens. Gamelin será de certo a vitima de erros alheios.

A sua reputação terá de rebrilhar. O imperioso processo de reparação de sua justa nomeada já começou nesse impressionante livro Tragedia em França que André Maurois espalhou recentemente.

A França gloriosa e rediviva reerguer-se-á dos escombros da derrota para continuar a iluminar o mundo com as cintilações de seu genio incomparavel e o nome de Maurice Gamelin receberá a consagração que lhe cabe. Ele teve a visão nitida do insucesso que se armava, apontou o verdadeiro caminho a seguir... Foi destituido. Esbarrandou-se o bravo exército de França !

* * *

No período de transição entre os velhos e abandonados processos de educação militar e os que nos veio trazer a Missão Gamelin, Dias de Oliveira auxiliou dedicadamente a transformação da mentalidade do Exército.

Colaborou de coração e inteligentemente, constrangendo talvez os seus arraigados sentimentos nativistas, para o completo êxito da adaptação que se empreendia.

Recalcou convicções e preconceitos para dar exemplo de subordinação à lei e para servir ao Brasil: em boa hora porque os novos métodos trouxeram como fruto o esplendido Exército que agora possuimos.

Dias de Oliveira era sub-chefe do Estado Maior e portanto desempenhava função onde a sua cooperação era preciosa.

Nesse posto recebeu os bordados de General de Brigada a 13 de Junho de 1919.

Bem os merecia pelos serviços prestados em sua longa carreira, pelos predicados que ostentara sempre, pela certeza de que seria um chefe capaz para o Exército.

Não foi um favor ou um premio dependente da boa vontade governamental porém a consagração de um mérito real.

* * *

Quem levou ao Palacio do Catete o decreto da promoção de dias de Oliveira ao generalato foi o Ministro Alberto Cardoso de Aguiar, aquela grande figura do Exército, notavel pela sua inteligência e profunda competência, admiravel pelas suas qualidades de caráter e de coração.

Neste instante de sentidas evocações é com a mais alta veneração e saudade que relembro o nome de Alberto de Aguiar, general da mais ampla envergadura que ainda não teve substituto no Exército.

Foi como General de Brigada que Dias de Oliveira encerrou a sua carreira militar, colhido pela reforma compulsória.

Tasso Fragoso, o nosso acatado consócio, seu chefe, exprime eloquentemente o pensamento da classe ao apresentar as despedidas do Estado Maior quando dele se afasta o dedicado colaborador. Eis os termos do Boletim alusivo à reforma de Dias de Oliveira:

> "Lamento profundamente que uma disposição inflexivel da lei afaste do nosso convívio o General Antonio José Dias de Oliveira. A sua elevada cultura, o seu conhecimento dos assuntos profissionais que versava de longa data como professor de uma de nossas escolas superiores, o seu entranhado amor ao País e a retidão de

seu caráter eram seguros penhores de que a continuação de seu esforço no Estado Maior do Exército seria de grande proveito para o desempenho da grande tarefa que nos está confiada. Tenho porém certeza de que o Exército terá sempre nele um amigo indefectivel para quem o país nunca apelará em vão no momento oportuno".

Sua saude era precária. Embora a idade não lhe fosse pesada, sua compleição estava seriamente abalada. E um dia, após rápida enfermidade sucumbiu, sumindo-se na voragem da morte. Foi a 14 de Julho de 1925.

Meu prezado amigo e nosso ilustre confrade General Alipio di Primio teve a bondade de ministrar-me detalhes sobre as últimas horas da preciosa vida de Dias de Oliveira.

Inaugurava-se o Pritaneu Militar da Fundação Osório e Dias foi o orador da solenidade. Terminou o seu discurso envolto no fumo do magnésio que os fotografos faziam explodir para colher os flagrantes do acontecimento.

O General não se alterara nem demonstrara o mal que de subito o surpreendeu. Assentando-se ao lado de D. Manoela Osório Mascarenhas ouvia as primeiras palavras do orador que o sucedeu na tribuna quando bruscamente cai, assaltado por um edema agudo do pulmão. Socorrido, abre os olhos e reconhece a seu lado o velho amigo Alipio Di Primio...

E' levado ao lar e horas depois Dias de Oliveira exala o último suspiro.

Morrera quasi que em um posto de honra, numa apoteose ao imortal por quem tinha ele imensa admiração e num altruistico esforço pelas filhas orfans de seus camaradas.

* * *

Até aqui temos acompanhado a vida de Dias de Oliveira em sua carreira militar tendo eu procurado evidenciar os eficientes serviços que prestou à sua classe durante sua atividade profissional.

Devo agora apreciar um outro aspecto de sua personalidade; quero referir-me ao intelectual que ele foi, indo buscar em seus escritos a feição particular de seu espírito

Antes porem cabe-me apresentar-vos a opinião que da competência do professor formou um de seus vários comandantes: referindo-se nominalmente a Dias de Oliveira, declarou em ordem escolar:

"ser-lhe grato, obedecendo aos ditames da mais rigorosa justiça, dirigir-lhe os mais encomiasticos louvores e sinceros comprimentos pela dedicação e esforço com que se entrega aos arduos labores de

sua nobre e honrosa tarefa transmitindo aos seus discipulos com a autoridade da palavra de mestre proficiente e zeloso os ensinamentos necessário à preparação de sua intelectualidade, de seu ser moral para as lutas do porvir e para o tirocinio de sua carreira no desempenho de comissões e serviços de diversas ordens ligados à profissão das arma, ainda mais se fazendo recomendado e digno de todo acatamento pela solidariedade com que mantem o prestígio da ilustre corporação de que faz parte concorrendo para elevar ao nivel em que deve pairar o ensino superior como elemento de progresso e adiantamento de nossa nacionalidade".

Colaborando na "Revista Militar" publicou Dias de Oliveira em 1901 um longo e minucioso estudo sobre o Exército Alemão. Dali extraimos as seguintes considerações que nos mostram em plena luz o conceito de seu autor em matéria de organização da defesa armada de uma nação:

"Modelo de organização militar moderna, símbolo vivaz da tradicional disciplina prussiana, sentinela sempre vigilante e zelosa da honra e integridade da pátria, o Exército Alemão atual sintetisa por assim dizer a nacionalidade germânica, politicamente integrada, forte, temida e respeitada em todo o continente europeu.

... ...

"Sabido é que as instituições militares são a obra do tempo, não se improvisam e sua evolução acompanha a marcha do progresso humano; assemelham-se a uma espécie de espelho onde se vêm refletir a origem dos povos, os seus usos e costumes, as suas tradições e tendências etnicas.

"Fatos há peculiares a cada cenário particular: existe uma justa adaptação do meio que não é lícito desvirtuar".

Mais adiante, depois de mencionar a tendência à reorganização dos exércitos do Chile, Argentina, México e Brasil, diz ele:

"Neste particular bom é portanto que se vá procurar no estrangeiro o que lá houver de bom e adaptavel entre nós, mas que absolutamente se exclua tudo o que não se coaduna inteiramente com as exigências do nosso meio militar.

"Até aí vai o nosso irredutivel nativismo em matéria de organização".

Recordo-me bem de ouvir repetidamente em suas lições didáticas o princípio apregoado nas linhas acima de que cada nação tem que dar

à sua organização militar uma feição própria, não se podendo aceitar um figurino como modelo universal.

Essa verdade tambem ocorre na aplicação da tática, modificavel com a variedade dos armamentos e materiais porem subordinando-se fatalmente às tradições, hábitos e espírito de cada povo e consequentemente de cada região onde se desenrolam as operações.

Despertava no espírito de seus alunos a faculdade de comparação dos preceitos e métodos de guerra e consequentemente a adopção em cada caso, de uma solução para os problemas profisionais que tivessem de enfrentar.

Não se prendia a uma rigida subordinação cega e inconciente à letra escrita dos livros ou dos regulamentos porem procurava incutir-lhes a flexibilidade de julgamento, o equilíbrio de análise, a decisão positiva e segura quando amadurecida.

* * *

Era em Dias de Oliveira uma preocupação invariavel crear, acima de tudo, uma mentalidade propria para os oficiais que iam formando em suas aulas.

A concepção que o professor tinha do papel que compete aos oficiais não se limitava na aprendizagem da arte militar. Em notavel conferência produzida no Clube Militar em 1913 sobre "A Guerra e seu aprendizado", Dias de Oliveira mostra a seu auditório um aspecto interessantíssimo da missão dos oficiais,— a de formadores do carater de seus soldados.

Eis as suas palavras lapidares: e não posso perder este momento sem recordar que Dias de Oliveira era em suas preleções um verdadeiro estilista, falando ou escrevendo sempre no mais rigoroso vernáculo que conhecia integralmente.

> "Como educador porem a missão do oficial é muito mais delicada. Criar, desenvolver e conservar a força moral do soldado, incutir-lhe no espírito e no coração a idéia e o dever militar, o culto da bandeira e da pátria, o hábito da disciplina, o respeito e obediência aos chefes e o espírito de boa camaradagem militar, não é tarefa facil e para realizá-la torna-se mister que o oficial educador represente o prototipo dessas elevadas virtudes, o exemplo vivo e o guia seguro do soldado em todos os atos da vida militar.
>
> Mas para aferir a força moral que anima uma tropa é preciso contemplá-la nas fases críticas do combate, nesses "dias de pólvora que são dias de verdade", como diz um proverbio arabe.

Aí, dadas as condições da luta, ante os horriveis estragos produzidos pelos meios de destruição atuais e seus efeitos desmoralizadores, aí sim, é que é preciso desenvolver uma energia sobrehumana para atravessar sem vacilações as zonas da morte.

Nestes supremos momentos é que se poderá avaliar o alcance enorme da coragem vinculada ao carater, união indispensavel cujos resultados sagram os verdadeiros heróis: dessa coragem que no dizer de Alberto Sorel conduz ao assalto e faz cravar a bandeira sobre o baluarte conquistado fazendo exclamar ao soldado: "Aquí estou!" desse carater que o mantem firme no terreno ocupado e possa dizer com segurança — "Aquí fico"!

Somente a força moral baseada na confiança reciproca conseguirá alcançar a vitória. Oh! tambem da vitória compartilharia o obscuro educador militar, próvido semeador que durante a paz poude preparar a colheita de tão almejado fruto !"

Formosa visão do sagrado papel do oficial, educador de seus homens, construtor paciente da vitória!

Com uma intuição tão elevada da missão de instruir soldados, poderemos compreender, da meditação dessa bela página literária de Dias de Oliveira, a psícologia do homem que a traçou, do carinho e devotamento com que se empenharia na sua missão de formar a mentalidade, o carater e os sentimentos dos futuros oficiais, ele que era o educador dos educadores !

As suas lições não destoavam, refletiam nitidamente a fisionomia moral e mental do Mestre, elevadas, convincentes, luminosas...

No Primeiro Congresso de História do Brasil, realizado em 1914, a parte correspondente à Guerra do Paraguai foi distribuida entre três notáveis e competentes escritores: Marechal Bernardino Borman, General Liberato Bitencourt e Dias de Oliveira.

Escreveu ele brilhantemente a tése que lhe competia — A Campanha das Cordilheiras — detalhando a fase final da guerra.

Examina antes de entrar no assunto principal, com agudeza de vistas e segurança de observação, os antecedentes da época, a formação da nacionalidade paraguaia, as causas da guerra com o Brasil, o desenvolvimento das operações de campanha, o comando brilhante de Caxias e entra por fim, proficientemente, no estudo dos movimentos, marchas, combates, encontros que tiveram por epílogo definitivo a morte de Solano Lopez, a 1 de Março de 1870, nas margens do Aquidaban.

O professor se expande na plenitude de sua inteligência e competência, historiando e analisando a ação das tropas e o valor dos chefes

para encerrar a tése, generosamente, para com os vencidos e cheio de entusiasmo para com os heróicos vencedores.

* * *

A "Revista do Estado Maior" inclue em seus textos muitos trabalhos da lavra de Dias de Oliveira, notando-se aí algumas traduções interessantes sob o ponto de vista profissional e um meticuloso estudo sobre as fortificações de Mato Grosso e os acontecimentos nessa remota região nos anos de 1801 e 1802.

Elaborou, ainda quando não o possuiamos, um projeto minucioso de Regulamento de Campanha.

* * *

Esta casa, que apenas ensaia seus primeiros passos na marcha para o futuro, é desde o seu início e pelo seu alto objetivo, um admiravel monumento erguido em honra daqueles que, pertencendo ao nosso passado glorioso, são agora os nossos guias espirituais.

Cada uma das cadeiras que ora ocupam os componentes do Instituto transforma-se no pedestal de um símbolo: há no alto de seus espaldares um nome !

Recordam esses nomes servidores do Brasil nos domínios das letras militares, paradigmas de predicados morais e intelectuais, exemplos que nos obrigamos de consciência a seguir, imitar e cultuar.

O mais humilde dos socios do Instituto Militar de História e Geografia deve a Dias de Oliveira a alegria de se ver honrado em ocupar a vossa atenção nesta hora e de assentar-se em uma cadeira na vossa ilustre convivência.

Já vos disse, senhores, que foi ouvindo as suas lições que me senti melhor inclinado para o desempenho de minha profissão de soldado, encontrando no estudo das doutrinas que a orientam o verdadeiro fio condutor de minha carreira, votando-me a ela com amor e entusiasmo.

E mais do que isso, não só a certeza da trilha que percorria, sinto que contribuiu e muito para o relativo êxito que alcancei no tirocinio das armas, como mais tarde na minha apagada atividade intelectual, a liberdade que Dias de Oliveira me concedia, quando seu discípulo, para pensar e para dizer consoante o meu próprio feitio, com a intuição que ia adquirindo pelo estudo, pela meditação, pela experiência.

Isso se traduz pela integral emancipação do pensamento, sem aferro ao que estivesse escrito ou que representasse conceitos não partilhados pela minha mente.

Por esse modo brota em meu espírito a consciência do valor da personalidade, virtude que se deixa facilmente obliterar nos imperativos da disciplina militar.

Feito o meu curso estritamente científico, subordinado rigorosamente ao conhecimento das leis que regem os fenomenos da natureza e humanos, entrámos em seguida no domínio da aplicação dos processos da ciência à atividade prática, no mais variavel, mais acidentado, mais violento e complexo dos fenomenos humanos, — a guerra.

Se, nesta, os elementos tropa, material, terreno, tempo, são fundamentais, há um elemento ainda a considerar, o chefe, cuja influência é decisiva na obtenção do êxito.

O general, o chefe terá de possuir um conjunto de qualidades excepcionais peculiares e exercitá-las com o cunho da própria personalidade, calcando as suas decisões sobre o estudo e a meditação que, quando iluminadas pelo genio, produzem os Cesares, os Napoleões, os Caxias.

Tive de pensar sempre na guerra, o mais árduo e transcendente problema que o homem tem de resolver, porque envolve a vida das criaturas humanas, as criações de progresso e o destino das nações.

Procurei ser fiel ao meu dever preparando-me invariavelmente para o desempenho de meu papel na carreira militar.

As nações não alcançam a vitória das armas com a improvisação: ganham-na com o preparo lento e continuado, com a previsão e perseverança.

Os chefes preparam-na com uma dedicação obstinada na articulação de todos os meios e elementos postos sob o seu domínio para aquele supremo designio.

E' o rolar de uma pedra de Sisifo para o alto da montanha, sem deixá-la escorregar...

* * *

Circunstâncias que não importa neste momento ventilar, vedaram-me o campo dessa honrosa atividade.

A inteligência declina, o corpo quebranta-se ao peso dos anos, os desgostos e desilusões se sucedem...

Abrem-se porém ante mim as portas amplas do aprendizado da história.

Dias de Oliveira forjara a chave com que pude penetrar no templo sagrado deste Instituto, onde todos comungamos na mesma mesa de estudo e de devotamento patriótico.

O descambar de minha vida afigura-se para mim, de então por diante, verdadeiramente afortunado de vez que vim conviver comvosco,

prezados confrades, e posso continuar a servir ao nosso Brasil, num esforço mínimo, porém sincero.

* * *

A cadeira que procurarei honrar ao vosso lado tem por patrono o *General Antonio José Dias de Oliveira*. E' a prosecução de seu influxo na dedicação à Pátria.

Não é somente a homenagem do discípulo e do amigo. E' o preito que ele merece como soldado e como educador, como cidadão e como brasileiro!

Paz às suas cinzas!

Honra à sua memória!